LUÍS RODOLFO DA PAIXÃO VILHENA (1963-1997)

CELSO CASTRO
Fundação Getúlio Vargas

MARIA LAURA VIVEIROS DE CASTRO CAVALCANTI
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Luís Rodolfo da Paixão Vilhena morreu aos 33 anos, junto com sua esposa, Ana Maria Bezerra Cavalcanti, num trágico acidente na Via Dutra na madrugada de 29 de maio de 1997. Encontrava-se então num momento especialmente feliz de sua carreira. Poucas horas antes de morrer, Luís Rodolfo havia entregue no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (antigo Instituto Nacional de Folclore – INF) da Funarte a versão final, integralmente revista, dos originais do livro *Projeto e Missão: o Movimento Folclórico Brasileiro 1947-1964*, com o qual havia ganho, em 1995, o Prêmio Sílvio Romero, promovido por aquela instituição. O livro resultava de sua tese de doutorado, defendida também em 1995, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Museu Nacional/ UFRJ), sob a orientação de Gilberto Velho. A pesquisa era uma extraordinária ampliação e um aprofundamento original de investigação iniciada dentro do próprio INF entre os anos de 1987-1989, sob a coordenação de Maria Laura Cavalcanti. O doutorado, o prêmio e o livro assinalavam assim o início da maturidade intelectual de Luís Rodolfo, tão súbita e violentamente interrompida.

Publicado postumamente, *Projeto e Missão* (Rio de Janeiro: FGV/Funarte, 1997. 332p.) coroa um fecundo movimento de aproximação intelectual entre a perspectiva antropológica contemporânea e a tradição dos estudos de folclore no país, numa abordagem compreensiva e inteiramente

nova. Numa resenha publicada em 14/3/1998 na Folha de S. Paulo ("Disciplina de Amor"), Sérgio Miceli – um dos muitos importantes interlocutores da pesquisa sobre os estudos de folclore reunidos anualmente no grupo de trabalho "Pensamento Social Brasileiro" nos encontros da ANPOCS em Caxambu/MG – assinalou a argúcia com que Luís Rodolfo examinava a ascensão e o declínio do Movimento Folclórico. Na orelha do livro, Gilberto Velho indicou a notável erudição que, aliada à perspicácia e à agilidade intelectuais, haviam produzido uma "obra de importância definitiva", a desvendar "um período fundamental da formação das Ciências Sociais no nosso país". O olhar antropológico, relativizador e minucioso, lançado por Luís Rodolfo sobre essa área de estudos e de atuação apreende efetivamente sua importância na formação de nossas Ciências Sociais, favorecendo decisivamente sua incorporação problematizada e renovada no campo disciplinar da Antropologia contemporânea. Há ainda muito a fazer no percurso das muitas trilhas tão ricamente abertas por Luís Rodolfo em suas pesquisas.

Em 1990, Luiz Rodolfo já havia publicado *O Mundo da Astrologia: um estudo antropológico* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. 219p.), elaborado a partir de sua dissertação de mestrado defendida em 1988, no mesmo PPGAS, também sob a orientação de Gilberto Velho. O livro é uma investigação original e pioneira sobre o mundo da astrologia, tendo como foco as crenças e representações de um segmento das camadas médias cariocas, junto às quais Luís Rodolfo fez trabalho de observação participante. A pesquisa mostra como a astrologia contribui para a formação de um certo estilo de vida desse segmento, permitindo lidar com a fragmentação da vida moderna. O livro traz também uma fina análise estrutural do sistema da astrologia inspirada na análise dos mitos por Lévi-Strauss, mostrando uma estrutura que permanece constante através dos séculos em suas várias versões, embora socialmente apropriada de diversas formas.

A competência e erudição demonstradas nesses dois livros, resultados de seus estudos de pós-graduação, estão também presentes na coletânea póstuma organizada em sua homenagem por seus amigos e colegas Celso Castro, Hermano Vianna e Valter Sinder – *Ensaios de Antropologia* (Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997. 168p.). O livro reúne cinco textos, a maioria inéditos, escritos entre 1986 e 1997. Os temas abordados ilustram a amplitude dos interesses de Luís Rodolfo em sua curta e fértil trajetória profissional: o artista e a modernidade na obra de Thomas Mann; cultura popular e folclore em van Gennep e Bakhtin; leitura e práticas leitoras em sociedade; o campo

religioso carioca em João do Rio; a África na tradição das Ciências Sociais brasileiras.

Graduado em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ em 1985, Luís Rodolfo, além de atuar como pesquisador no INF entre 1988 e 1989, lecionou no Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro a partir de 1989 e no Departamento de Sociologia e Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro a partir de 1994. Em todas essas instituições, deixou uma marca indelével de competência, cordialidade e generosidade e uma saudade que, passados cinco anos de sua morte, teima em aumentar.

Em um apêndice de *Projeto e Missão: o Movimento Folclórico Brasileiro 1947-1964* , Luís Rodolfo reproduziu o texto da carta, datada de 1848, em que o etnólogo inglês William John Thoms emprega pela primeira vez a expressão *folk-lore* – saber tradicional do povo – para designar as "antigüidades populares". A carta se encerra com o registro de uma cantiga infantil inglesa em si mesma insignificante, mas que, transformada em saber do povo, tornava-se poderoso elo de uma grande cadeia de conhecimentos humanos: "Cuco, cerejeira,/ Venham cá e nos digam/ Quantos anos nós teremos de vida". William Thoms, surpreso e satisfeito com a relação de sentido assim descoberta entre o caráter profético atribuído ao cuco e a cerejeira, esclarece que cada menino cantor sacudia a árvore e o número de cerejas derrubadas indicava o número de anos de vida futura.

Trinta e três anos, foi essa a duração da vida de Luís Rodolfo. Todos os que com ele compartilhamos convivência, amizade, trabalho e trocas intelectuais constantes continuamos sentindo a dor de sua perda e a saudade de sua amizade. Para conviver com a inexplicável tragédia de um desaparecimento tão precoce, ajuda lembrar que Luís Rodolfo deixou conosco sua obra, tão cheia de possibilidades, e que permanecerá para as gerações futuras. Talvez ajude também lembrar uma frase de Fernando Pessoa: *"Morre jovem o que os deuses amam"*. Se os deuses o levaram tão cedo, nos deixaram sua memória para sempre guardada num lado claro e risonho do coração.